

Saúde inicia treinamento para aumentar nº de transplantes

13/07/2009

O Estado de São Paulo

Hospital Sírio-Libanês capacitará médicos de Estados com pouca participação nas cirurgias

Cerca de 45% dos transplantes realizados no Brasil no ano passado foram feitos em São Paulo. Mais do que o bom desempenho dos paulistas, o resultado revela as desigualdades do setor. Hoje, os primeiros oito alunos de um curso que pretende começar a mudar esse desequilíbrio começam a ser formados no Hospital Sírio-Libanês.

Vindos de 16 Estados do País (AC, AM, AL, PA, RO, MA, PI, RN, PB, SE, BA, MT, MS, GO, DF e SC) que hoje respondem por apenas 16,4% dos transplantes realizados anualmente, 40 alunos passarão pelo curso neste ano. O objetivo é formar médicos para a captação de órgãos, distribuição e cirurgias, como as de fígado, rim e pâncreas. Hoje, 35% de 1,3 mil equipes transplantadoras estão concentradas no Estado de São Paulo.

O projeto é resultado de uma parceria entre o Sírio-Libanês, Ministério da Saúde e a recém-criada Fundação de Transplante de Órgãos e Tecidos de São Paulo (TransÓrgãos). O orçamento é de R\$ 3,5 milhões. "O perfil do profissional selecionado é o médico formado entre cinco e oito anos e de alguma forma ligado à universidade", afirma o professor emérito da Faculdade de Medicina da USP Silvano Raia, idealizador do curso.

Pioneiro do transplante de fígado no Brasil, o médico é também presidente da TransÓrgãos. Raia explica que a formação dos profissionais será de responsabilidade não apenas do Sírio-Libanês, mas também de instituições como o Hospital do Rim, Hospital das Clínicas (HC) e Santa Casa.

"Muitos desses Estados fazem apenas transplantes intervivos, por isso a necessidade de treiná-los para os transplantes de doadores cadáveres", afirma o secretário de Atenção à Saúde do ministério, Alberto Beltrame.

A implantação da formação no Sírio-Libanês foi propiciada pela mudança nos critérios de distribuição dos certificados de filantropia no fim de 2008. Antes, 20% da receita bruta dos hospitais filantrópicos (ou 60% dos atendimentos) deveria ser destinadas aos pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS).

Agora, em troca da isenção de impostos, como PIS e Cofins, as unidades devem formular projetos maiores de assistência para a rede pública. Apesar dos benefícios, as alterações geraram polêmica quando ocorreram porque parte das filantrópicas beneficiadas tinha, naquele momento, os certificados de filantropia questionados por supostas irregularidades.

A medida propiciou ainda outros cem projetos de formação de recursos humanos para o SUS e pesquisas fomentados pelo Sírio e outros cinco hospitais privados considerados de excelência. "Passamos de uma sistemática assistencialista para a desenvolvimentista", defende Raia.

Ao término do curso, os profissionais devem voltar para seus Estados de origem para implantar as equipes transplantadoras e centros de captação de órgãos.

No período em que os profissionais permanecerem em São Paulo, que pode variar de dois meses a um ano, recebem uma bolsa-auxílio de R\$ 4 mil, além de terem seus salários pagos pelas instituições ao qual pertencem.

Além da qualificação dos profissionais, o projeto prevê a manutenção dos centros de captação e transplante a serem criados nos Estados e a atualização dos médicos com o uso da teleconferência. "Nosso objetivo é aproximar os transplantes dos Estados em que o acesso é dificultado", explica Beltrame. "Queremos capacitá-los para identificar o doador, mantê-lo vivo, fazer a abordagem da família e para que possam reproduzir o modelo."

Para o cardiologista e ex-ministro da Saúde Adib Jatene, o modelo apenas assistencialista dos hospitais filantrópicos está superado. "Utilizar esses hospitais em benefício do SUS é perfeitamente legítimo", diz Jatene. "O problema da carência da medicina para a população carente não está apenas nas regiões mais distantes, mas também em grandes cidades."

SAIBA MAIS

18.989 transplantes foram realizados no ano passado no Brasil, incluindo todos os tipos de órgãos e tecidos

58.634 pessoas estavam na fila de espera por transplantes, segundo o Ministério da Saúde

29% foi o aumento do número de transplantes de coração registrado no País entre 2007 e 2008

14% foi o crescimento das cirurgias de fígado no Brasil entre 2007 e o ano passado

50% dos potenciais doadores falecidos são notificados, mas do total apenas 20% se tornam doadores

1.317 doadores efetivos foram registrados em 2008, aumento de 15% em relação a 2007 e número que colocou o País no patamar de 2004. Os anos de 2005 e 2006 registraram queda de doações